

O custo da reprovação

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DE CORREIO

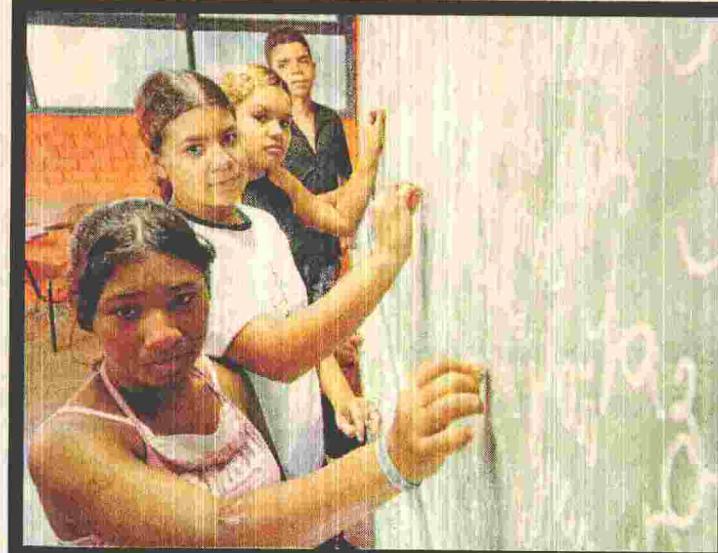
A repetência e o abandono escolar na rede pública de ensino custam cerca de R\$ 700 milhões por ano. O valor é o dobro do que o Governo do Distrito Federal têm no Orçamento para investir em melhorias nas escolas, compra de material ou construir colégios. Os dados mais recentes do Ministério da Educação (MEC) mostram que 109 mil estudantes dos ensinos fundamental e médio, dos quase 500 mil da rede do DF, foram reprovados ou pior, desistiram da sala de aula antes do fim do ano. É como se a cada cinco estudantes, um não passasse para o próximo ano letivo. Esses números assustam, especialmente quando se sabe que o investimento por aluno na capital e nas suas regiões administrativas é o maior do país: cada estudante custa R\$ 6.400 ao ano, de acordo com a própria secretaria de Educação, Maria Helena Guimarães.

Mas engana-se quem pensa que a culpa é dos alunos. O DF sofre com um problema mais grave associado à queda na qualidade do ensino, como mostraram as últimas pesquisas de desempenho divulgadas pelo MEC no mês passado. Pela primeira vez desde a primeira edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), há nove anos, o DF não apareceu entre as cinco melhores médias estaduais. Ficou em sétimo. A queda de rendimento também ocorreu no Sistema de Avaliação da Educação (Saeb) que investiga o aprendizado dos alunos de 4^a e 8^a séries em matemática e português.

Os custos para o cofre do GDF da má qualidade da educação foram calculados a partir do percentual de reprovação e abandono por série da educação básica. Os dados mais recentes divulgados pelo MEC, no ano passado, dizem respeito aos índices de 2004 (veja quadro ao lado), já que existe um prazo para que as secretarias de Educação enviem os números ao governo federal. Esses percentuais mostram a repetência média de 16,3% e 20,4% dos alunos, respectivamente, dos ensinos fundamental e médio. O abandono é mais baixo, mas não menos preocupante: 3,1% e 10,2%, respectivamente.

O custo por aluno anual da rede pública do DF foi calculado pela Secretaria de Educação a partir de uma conta simples. O Orçamento da área em 2007 é de

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB



HERLAN, JÉSSICA, JOSIANE E PAULO ESTÃO NA 7^a SÉRIE: DUAS REPROVAÇÕES

66

TEMOS O MAIS ALTO CUSTO-ALUNO DO PAÍS E OS ÍNDICES DE DESEMPENHO NÃO CORRESPONDENTES. ISSO PRECISA SER ATACADO IMEDIATAMENTE

Maria Helena Guimarães, secretária de Educação

R\$ 3,2 bilhões para atender a uma rede de 500 mil alunos. Como 90% de todos os recursos da pasta vão exclusivamente para o pagamento da folha de salários, sobram apenas R\$ 320 milhões para compra de material e investimentos. "Dá para dividirmos o orçamento total pelo número de matriculados porque o dinheiro só dá mesmo para custearmos a educação dos que estão na rede", explica Maria Helena. A divisão resulta nos R\$ 6,4 mil e serve como média de gastos. Vale lembrar que o valor inclui, além dos estudantes dos ensinos fundamental e médio, matrículas em educação especial, ensino infantil e de jovens e adultos.

"Temos o mais alto custo-aluno do país e os índices de desempenho não correspondem. Isso precisa ser atacado imediatamente", argumenta a secretária. "Para se ter uma idéia, a cidade de São Paulo tem orçamento de R\$ 4 bilhões e mais do que o dobro de alunos matriculados", completa Maria Helena.

Mais velhos

Os colegas Herlan Pureza dos Santos, Jéssica Souza, Josiane Thaís e Paulo César Gonçalves têm todos 15 anos e se conhecem na turma de alunos mais velhos da 7^a série do Centro Educacional 7, de Ceilândia. Com

essa idade, todos deveriam estar no 1º ano do ensino médio. Os amigos de cada um deles, em diferentes escolas ou turmas, passaram de ano. Eles não.

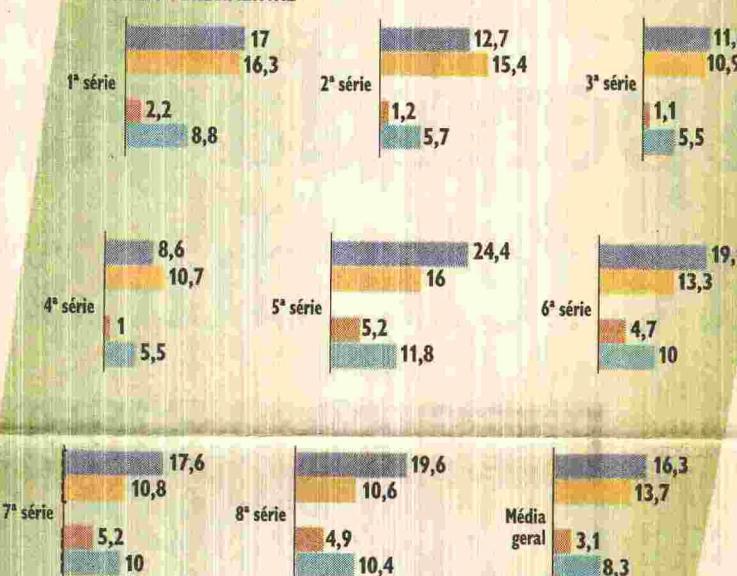
Seria possível multiplicar os anos de repetência e o abandono escolar das três garotas e do jovem pela média de repasses de recursos do GDF. Não vale a pena. Para os quatro, o prejuízo é incalculável. "Aqui na escola, os coordenadores dão aula quando não há professores. Também trabalhamos para dar um reforço extra no conteúdo, mas muitos alunos trabalham ou não tiveram base adequada", argumenta a diretora do colégio, Maria José Fernandes.

Josiane cursa a 7^a série pela segunda vez. Antes, reprovou a 2^a e a 5^a. É o primeiro ano dela na Centro Educacional 7, já que antes passou por escolas de Taguatinga e outras de Ceilândia. "Os professores pegam muito no meu pé. Vivo tentando agradar, participar da aula, mas cedo ou tarde viro exemplo de ovelha negra. Isso me irrita e eu fico sem vontade de voltar para a escola", afirma. Para Paulo César o problema é que as aulas nem sempre são interessantes. Essa é a terceira vez dele na 7^a série. "Matava aula para jogar videogame, porque era mais divertido. Agora tomei jeito e resolvi levar a sério", promete.

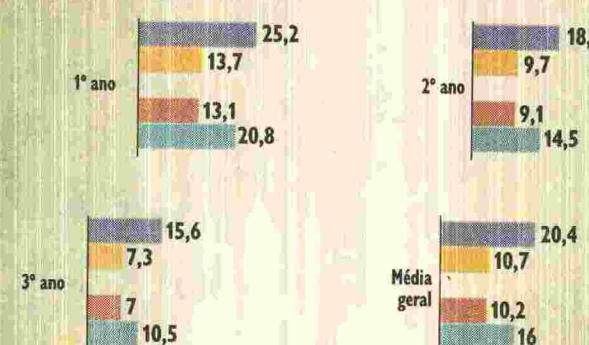
BAIXO DESEMPENHO

Os dados de repetência e evasão no Distrito Federal mais recentes, divulgados em 2006, mostram que nos 11 anos de estudo (ensino fundamental e médio) muitos alunos ficam para trás ou gastam mais tempo do que o necessário para terminar a educação básica. (Em %)

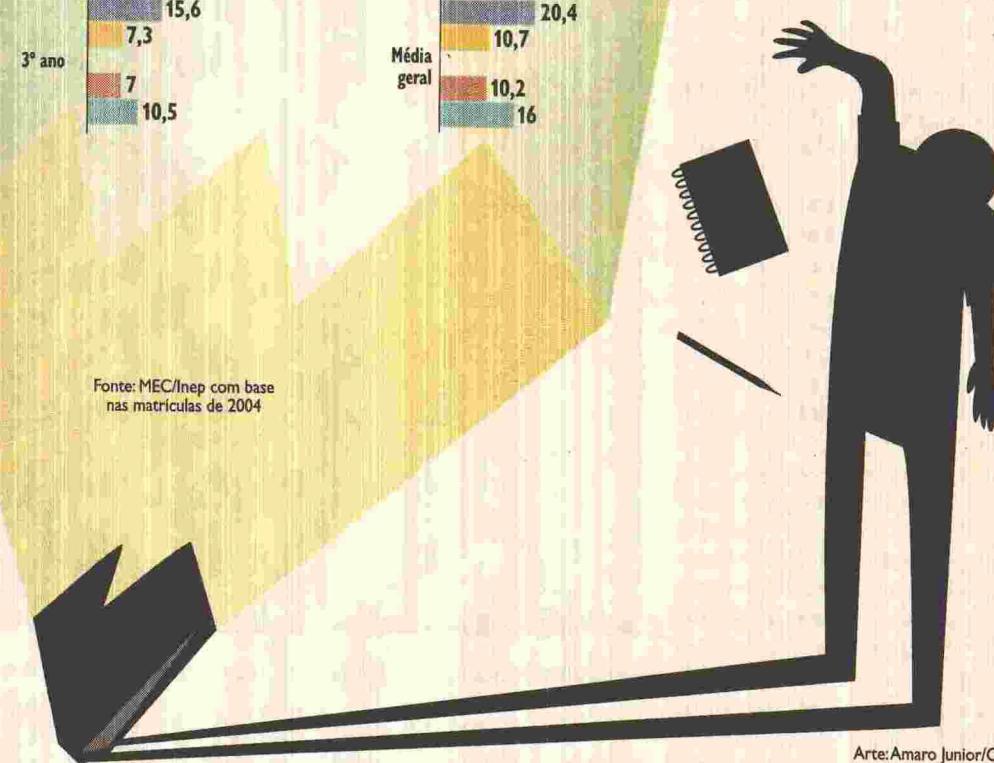
ENSINO FUNDAMENTAL



ENSINO MÉDIO



Fonte: MEC/Inep com base nas matrículas de 2004



Arte: Amaro Junior/CB